



ESBOÇO DE LETRAS

11 Geopolítica do Conhecimento e Teoria: Um Estudo Sobre a Circulação de Teoria nas Revistas de Ciências Sociais Brasileiras

*Matheus Almeida Pereira Ribeiro*¹

1. É doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília e bolsista CAPES. E-mail: matheus.sociologia.unb@gmail.com. Para a realização deste trabalho o autor contou com o apoio financeiro de uma bolsa de doutorado do CNPq.



Resumo – Este *paper* discute a geopolítica da produção e circulação de conhecimento a partir do caso brasileiro. Realizou-se um levantamento quantitativo e análise qualitativa do conteúdo de artigos publicados em 22 das principais revistas de ciências sociais brasileiras, de 2010 a 2018, com foco na discussão sobre teoria social. Interessou-se por estudar em que medida o debate na área de teoria, realizado neste intervalo, expressa as relações de poder de globais no campo do conhecimento. Foi possível notar que a maior parte das contribuições de estrangeiros, nas revistas brasileiras, é realizada por intelectuais do Norte Global e que as publicações destes pesquisadores tinham um caráter mais inovador e propositivo no campo da teoria social, em comparação com a dos brasileiros, latino-americanos e africanos. Argumenta-se que o debate realizado em revistas brasileiras na área de teoria, expressa a divisão internacional

do trabalho intelectual que situa os países do Norte enquanto local de enunciação com maior poder de influência nos princípios teóricos que direcionam o trabalho das ciências sociais.

Palavras Chave: Geopolítica do Conhecimento; Teoria; Colonialidade; Circulação de Conhecimento; Sociologia da Sociologia.

2 A dicotomia Sul-Norte global, tem sido utilizada em trabalhos como os de Santos (2007), Comaroff (2012), Connell (2006) e Rosa (2014), e mantém sentido paralelo ao de classificações como periferia-centro ou primeiro e terceiro mundo. Entende-se por Norte, as regiões do mundo, em sua maioria localizadas no eixo Euro-Atlântico que historicamente ocuparam, e ocupam, posições de poder no sistema-mundo capitalista, as quais, em sua maioria, possuíam os status de metrópoles coloniais entre os séculos XV e XX. Destacam-se nações como Reino Unido, França, Holanda, Alemanha, e Estados Unidos. A noção de Sul Global, utilizada aqui, carrega o mesmo sentido que o termo “periferia” utilizado por Maia (2011). Entende-se por Sul Global, assim como periferia global, as “regiões do mundo localizadas fora do eixo do Atlântico Norte e que se constituíram de forma subordinada na divisão internacional do sistema-mundo capitalista. Em sua maioria essas regiões foram objeto de processos colonizadores europeus a partir do século XV” (MAIA, 2011, p.72)

Introdução

O debate sobre a globalização/internacionalização das ciências sociais tem servido de espaço profícuo para intervenções intelectuais interessadas em mensurar a maneira como a expansão global do campo é conformada a partir de uma estrutura de centro e periferia. Conforme apresentado no World Social Science Report de 2010 da UNESCO, apesar das ciências sociais se encontrarem presentes em todas as regiões e países do mundo, acompanhando um aumento global da produção de livros e artigos, nota-se que a mundialização da disciplina se faz a partir da reprodução de um quadro marcadamente desigual. O ainda emergente campo de discussão global das ciências sociais, conforme apontado por Heilbron, Sorá e Boncourt (2018), é marcado por assimetrias claras nas formas de colaboração internacional, conforme expresso pela tendência a ocorrerem majoritariamente entre intelectuais de nações europeias e dos Estados Unidos. A exemplo disso está o fato de que 50% das publicações de que se tem registro no Social Science Citation Index estar concentrada na América do Norte, seguida de países Europeus, que detêm 40% do montante. Este fato é ainda mais agudo por conta de dois terços de toda esta produção estar circunscrita a apenas quatro nações: Estados Unidos,

Reino Unido, Alemanha e Holanda (GINGRAS E MS-BAHNATANSON, 2010).

A desigualdade global do fluxo de conhecimento no campo das ciências sociais é ainda mais aguda em se tratando dos debates na área de teoria social. Esta seara, que em geral conjuga o maior prestígio do campo, encontra-se deveras concentrada no eixo euro-atlântico (KEIM, 2008), matriz da maior parte das escolas de pensamento que são lidas internacionalmente e direcionam o trabalho sociológico no mundo contemporâneo. Conforme apontado por Ribeiro (2018), em pesquisa que cobriu no intervalo de 2000 a 2016, nas quatro revistas de maior impacto global no campo da teoria social, *Theory Culture and Society*, *European Journal of Social Theory*, *Theory and Society* e *Sociological Theory*, compreende-se que a participação do Sul Global² no interior destes espaços permaneceu marginal nos 17 anos em questão, não havendo crescimento de artigos destes pesquisadores em níveis relativos ou absolutos. Além disso, a marcada hegemonia de pesquisadores euro-americanos, que chega a dominar entre 70% e 90% do total de artigos publicados nestes espaços, também se expressa no controle quase total dos comitês editoriais dos periódicos e pela marcada diferença qualitativa entre o tipo de artigo publicado por acadêmicos do Sul Global, majoritariamente foca-



³ Perfil nacional aqui é compreendido enquanto filiação institucional. Esta decisão foi tomada pois a investigação da acionalidade dos pesquisadores poderia ser inócua frente à dificuldade de encontrar fontes para tais informações. Além disso, considera-se que a filiação institucional opera enquanto elemento de status geopolítico, vinculando um indivíduo, apesar de sua origem natal, ao status da instituição vinculada.

do em estudos de caso nacionais, e pesquisadores do Norte, baseado em temas teóricos de caráter mais abstrato e desvinculado de realidades locais.

Este artigo dialoga com esse quadro geral, realizando uma análise focada em compreender em que medida a geopolítica do conhecimento se expressa campo da teoria social no Brasil. Buscou-se analisar como a discussão realizada nestes periódicos carrega marcas das assimetrias globais no campo do conhecimento e ajuda a reproduzir o status periférico das contribuições nacionais, e do Sul Global, em teoria social.

Para realizar esta investida, realizou-se um levantamento quantitativo do perfil nacional³ dos intelectuais que publicaram em 22 periódicos brasileiros de 2010 à 2018. Além disso o estudo contou com uma análise do tipo de intervenção intelectual realizado por estes indivíduos, buscando compreender se haveriam diferenças entre Norte e Sul Global no que diz respeito ao tipo de proposição intelectual apresentada nos artigos. Mais especificamente, interessou-se por analisar se as intervenções de intelectuais do Norte possuiriam um caráter mais inovador do ponto de vista teórico do que as publicações de regiões do Sul Global.

Este artigo primeiramente realiza uma apresentação sumária do debate sobre a geopolítica do conhecimento, apresentando algumas das principais

contribuições deste campo. Em seguida faz-se uma explanação do objeto analisado e a metodologia empregada, o que é seguido dos resultados encontrados. Por fim realiza-se uma análise dos resultados a partir da literatura que tem discutido a geopolítica do conhecimento, seguida da síntese das principais conclusões do estudo.

A Geopolítica do Conhecimento: Algumas Contribuições de Destaque

O estudo da geopolítica do conhecimento tem tomado a experiência do colonialismo enquanto evento fundamental para a compreensão das assimetrias globais hoje experienciadas no campo das ciências sociais. Uma das principais abordagens no interior deste campo é a corrente decolonial, influenciada diretamente pelo pensamento pós-colonial, que teve no grupo dos Estudos Subalternos a sua gênese (BALLESTRIN, 2013). As abordagens decoloniais se interessavam em compreender o papel da experiência colonial para a formação das hierarquias estruturantes das sociedades latinoamericanas, entre as quais destaca-se o impacto na forma como a experiência do colonialismo, sob o discurso retórico



da modernidade, moldava relações de poder no âmbito do saber. Nessas correntes, expressas nos trabalhos de autores como Quijano (2000), Maldonado-Torres (2008), Grosfoguel (2008), Mignolo (2003) e Walsh (2007), uma das contribuições centrais é o papel da forma como o epistemicídio das populações nativas americanas foi importante à sustentação de uma clivagem entre conhecimento relevante e versus irrelevante. O epistemicídio do pensamento dos povos nativos, aliado à imposição das formas de saber europeias, calcadas no pensamento científico, deu forma a uma estrutura de poder no campo do conhecimento, na qual os modos de pensar a realidade só possuíam caráter de relevância quando realizadas a partir da linguagem europeia de ciência.

Nestas abordagens, assim como na dos pensadores pós-coloniais, o eurocentrismo ocupa um papel central. Em ambas matrizes de estudo é assinalado como a experiência colonial se desenhou a partir de um discurso de legitimação geral baseado em uma diferença abissal (SANTOS, 2007) entre a Europa e o resto do mundo. Este, definia-se por uma série de hierarquias simbólicas que conformavam o continente europeu a ocupar sempre a condição de espaço por definição da modernidade, universalidade, superioridade e emancipação, enquanto as co-

lônias definir-se-iam enquanto o local do particularismo, da inferioridade, do atraso e da ausência de racionalidade (PATEL, 2009). Este tipo de reflexão, que toma o eurocentrismo enquanto elemento crucial à compreensão da investida colonial, encontrou bastante ressonância e difusão pela obra de Said (1979), ao trabalhar o modo como a tradição britânica orientalista cumpriu um papel de reprodução de um imaginário social que exaltava o império britânico e relegava ao oriente a condição de fonte estéril à produção de qualquer conhecimento relevante. Há em comum entre essas abordagens a ênfase no modo como a diferenciação entre conhecimento relevante e irrelevante teria sido moldada diretamente por relações de poder, fundamentais à manutenção do sistema colonial.

A influência do colonialismo na hierarquização do campo do conhecimento também encontra ressonância nos trabalhos de Hountondji (1997), Alatas (2003) e Connell (2012) os quais se detiveram com mais profundidade sobre o problema de divisão internacional do trabalho intelectual. Estes autores apontam como a experiência do colonialismo estruturou-se um contexto de controle colonial da gestão de escolas, universidades e editoras, combinado com a produção de um imaginário social que condiciona-

4 Convém mencionar a influência que tal sistema passaria a impor do ponto de vista psicossociológico aos intelectuais de países periféricos, a qual foi teorizada brilhantemente por Syed Hussein Alatas e Paulin Hountondji. Alatas (2000) chamou de “mentalidade cativa”, o produto deste processo, marcado pela incorporação no intelectual periférico de uma dificuldade em acreditar na sua possibilidade criativa em realizar trabalhos de envergadura ou mesmo capazes de tratar de temas que envolvem a produção de teoria. Além disso, estes pensadores acabariam por incorrer no vício em orientar as suas produções a partir de temas, problemas e questões caras às realidades dos centros e muitas vezes alienígenas frente às realidades locais, processo que foi conceituado por Hountondji (1997) sobre a definição de “extroversão mental”.

va um papel secundário aos intelectuais dos países colonizados. Criavam-se as bases para o que veio a se tornar um complexo sistema calcado numa estrutura de centro e periferia, o qual definiria a forma da produção e hierarquização no campo do conhecimento global contemporâneo. Esta divisão hierarquizada do trabalho circunscreveria os limites de atuação de intelectuais e cientistas, definindo aqueles que deter-se-iam à coleta de dados e os que trabalhariam com as reflexões sobre estes e sua sistematização teórica. Mais do que isso, também definir-se-iam a partir daí aqueles com poder de estudar apenas questões locais e os que se deteriam sobre os temas globais e/ou abstratos⁴.

Este problema, acerca da submissão intelectual na periferia à produção de países do Norte, também encontrou eco na produção intelectual brasileira, com ênfase à discussão de Guerreiro Ramos sobre a necessidade de assimilação crítica da sociologia estrangeira, em diferentes solos nacionais. Ramos, advogava a ideia de redução sociológica, que operaria por um viés crítico e revisionista, na contraposição ao que chama de “correntes doutrinárias” e “métodos e processos dominantes” (RAMOS, 1996, p. 9). Ele (1996) direcionava sua crítica, à estrutura dependente do raciocínio sociológico brasileiro, que

seria caracterizado pelo uso “mecânico” e “servil” da produção intelectual estrangeira, ou, dito em outras palavras, a reprodução de uma “sociologia enlatada” ou “sociologia consular”. A investida do autor sinalizaria pela adequação das teorias de fora às características que definem a realidade concreta brasileira, distanciando-se da imposição irrefletida de quadros mentais estrangeiros.

Mais recentemente, pesquisas como as de Costa (2010) têm ajudado a mensurar os impactos das relações de dependência e subalternidade que condicionam o Brasil à periferia dos debates sobre teoria social. Estudando o conteúdo de artigos da Revista Brasileira de Ciências Sociais publicados entre 1998 e 2009, Costa (2010) advogou a tese de que não existiria produção no país que se orientasse com a finalidade de interferir diretamente nos debates teóricos da disciplina como um todo. Além disso, aludiu que os trabalhos no campo nacional, que lidam mais diretamente com teoria sociológica, majoritariamente trabalhariam com revisões de premissas teóricas consolidadas por autores de países como Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha. Costa (2010) apresenta dados que nos remontam à ideia de “extroversão intelectual” cunhada por Hountondji (1990), ao quantificar os principais autores citados por in-



telectuais brasileiros na revista estudada. Entre os 10 mais citados pelos cientistas sociais brasileiros, apenas dois eram do país – Florestan Fernandes e Gilberto Freyre, possuindo uma frequência bem inferior aos intelectuais de fora como Pierre Bourdieu, com 57 citações, Max Weber 39 com e Habermas com 36, entre 1998 e 2009.

A posição dependente ocupada pelo Brasil na geopolítica do conhecimento global também foi alvo de reflexão de Lynch (2013), que problematizou o modo como a produção intelectual nacional foi agrupada sob a denominação de pensamento social, ao invés de teoria social. Segundo o autor, o papel da formação intelectual das elites brasileiras teria sido fundamental para este quadro, pois ao passo que estas incorporaram a intelectualidade de determinadas tradições europeias, em diferentes momentos da nossa história, o fizeram sempre de forma a narrar o conhecimento produzido em solo nacional enquanto objeto de menor valor frente ao que era feito em países como França, Alemanha e Inglaterra. Esse processo foi marcado diretamente pela imposição de uma separação entre a natureza do conhecimento produzido aqui e aquele das metrópoles europeias, de forma que a teoria política estrangeira seria a fonte dos grandes questionamentos abstratos e genera-

listas capazes de pensar o humano e as instituições políticas, enquanto o pensamento político nacional oscilava entre o que seria uma reflexão estranha ao meio ou deformação das matrizes teóricas europeias.

Este debate, que tenciona a história e o *status* da intelectualidade brasileira e sua produção, tem ganhado bastante espaço no debate nacional, e fomentado o surgimento de proposições alternativas sobre a leitura e atualidade do pensamento social brasileiro. Destacam-se aí as contribuições de Maia (2010) que tem apontado um caminho frutífero de diálogo entre a obra de autores nacionais, como Guerreiro Ramos, e a crítica pós e decolonial. Além disso, artigos como o de Tavolaro (2016) têm pontuado a possibilidade de pensar como clássicos do pensamento social brasileiro, tais como Gilberto Freyre, apresentam narrativas alternativas às visões hegemônicas de modernidade no campo das ciências sociais.

Em diálogo com esse campo intelectual, que apesar de sua diversidade, têm pontuado as formas como a produção intelectual nacional é perpassada pela geopolítica do conhecimento global, interessou-se por realizar uma investigação a respeito do debate sobre teoria social em revistas de ciências sociais brasileiras. Decidiu-se por tomar a teoria enquanto campo de estudo pois, esta, ao ser a fonte de boa



parte da formação acadêmica dos nossos cursos de ciências sociais, ocupando a maior parte das grades curriculares dos bacharelados e programas de pós-graduação, tem papel central na formação do imaginário intelectual que permite aos cientistas sociais dar sentido ao mundo. Como afirma Connel (2012), ela possui caráter estratégico ao orientar as agendas e objetos de investigação legítimos de serem estudados, operando enquanto elemento conformador da atividade sociológica e dos mundos que são por ela narrados. Além disso, a teoria opera como um dos principais meios de incorporação, no interior das ciências sociais nacionais, das contribuições intelectuais do Norte Global, sendo elemento central para a reprodução, em solo nacional, da hegemonia intelectual euro-americana.

Isto posto, interessou-se por estudar como o debate na área de teoria, em revistas brasileiras de ciências sociais, realizado nos últimos oito anos, é conformado pelas relações de poder geopolíticas que estruturam o campo das ciências sociais.

Técnicas e Procedimentos de Pesquisa

Para a realização deste estudo, primeiramente, foi produzida uma base de dados com a sistematização de informações sobre os artigos publicados em 22 periódicos brasileiros de 2010 a 2018. As revistas escolhidas partir do critério de prestígio, impacto nacional e disponibilidade na base de dados do Web of Science, estão listadas na tabela abaixo:

Revista	Classificação
Caderno CRH	A1
Cadernos de Saúde Pública	A1
Cadernos Pagu	A1
Civitas - Revista de Ciências Sociais	A1
Dados	A1
História, Ciências, Saúde-Manguinhos	A1
Horizontes Antropológicos	A1
Lua Nova: Revista de Cultura e Política	A1
Mana	A1
Revista Brasileira de Ciências Sociais	A1
Sociedade e Estado	A1
Sociologia & Antropologia	A1
Tempo Social	A1
Novos estudos CEBRAP	A2
Religião & Sociedade	A2
Revista de Economia e Sociologia Rural	A2
Brazilian Political Science Review	B1
Estudos Avançados	B1
Pro-Posições	B1
Revista Brasileira de Ciência Política	B1
Revista Crítica de Ciências Sociais	B1
Revista de Sociologia e Política	B1

O uso da plataforma *Web of Science*, permitiu a construção do banco de dados com a sistematização de informações sobre os artigos publicados nos periódicos, como o nome dos autores, título do trabalho, resumo, palavras chave e instituições de vínculo.

Tendo em vista o interesse em estudar os artigos no campo da teoria social, realizou-se uma filtragem do total de publicações, selecionando apenas aquelas que tinham os léxicos “teori” e “teóri” citados nos títulos, resumos e palavras-chaves. A escolha por utilizar esse método de filtragem decorreu do interesse em capturar artigos que citassem a palavra “teoria” ou variações possíveis desta, como “teóricos” “teórico” “teórica”. A partir disto foi possível chegar em um total de 494 artigos, os quais compuseram a base de dados final utilizada nesta investigação.

O trabalho de pesquisa baseou-se, inicialmente, na catalogação dos artigos a partir do país de base do autor, mais especificamente aquele correspondente à sua universidade de vínculo. Essa catalogação foi feita com o interesse em subsidiar o levantamento do perfil nacional dos intelectuais que publicaram nos periódicos, permitindo a compreensão de quais as nações que possuíam maior penetração no debate brasileiro sobre teoria social. Além disso a classificação nacional dos autores também deu condições à

etapa seguinte da investigação, focada no estudo da correlação entre o país/região do autor e o tipo de intervenção intelectual realizada no periódico.

Para a segunda fase da pesquisa, foi feita uma análise do conteúdo de títulos, resumos e palavras chave, de cada um dos artigos, permitindo a catalogação das publicações em cinco perfis de intervenção intelectual, com o interesse em diferenciar o tipo de relação com a teoria social que o artigo propunha. As categorias utilizadas foram: Inovação, Adição, Comentário, Inventário de Usos e Aplicação em pesquisa. Os critérios adotados para a classificação foram os seguintes:

Inovação: Artigos que propunham novos conceitos, teorias e/ou metodologias no campo da teoria social;

Adição: Artigos que apresentavam revisões de conceitos, teorias ou metodologias, propondo modificações em quadros teóricos já consolidados;

Comentário: Artigos que comentavam a obra de determinado autor sem interesse em propor a revisão de sua teoria, ajustes em conceitos, ou sua superação;

Inventário de Usos: Artigos que defendiam o valor de determinada teoria indi-

5 O teste de Qui-Quadrado detecta se existe uma associação significativa entre duas variáveis categóricas. Entretanto, ele nada diz sobre o quão forte essa associação pode ser. As medidas Φ e V de Cramer (Φ and Cramer's V), por sua vez, são medidas do grau de associação entre duas variáveis categóricas. O Φ é usado com tabelas de contingência 2×2 . Se uma das variáveis categóricas apresenta mais do que duas categorias, o V de Cramer é mais adequado do que o Φ , porque o Φ não alcança o valor mínimo de zero (indicando nenhuma associação) nesses casos. No entanto, quando ambas as variáveis têm somente duas categorias, o Φ e o V de Cramer são idênticos e quando as variáveis têm mais de duas categorias, como é o caso desta pesquisa, a estatística do V de Cramer é a única que consegue alcançar o valor mínimo de 0 e o máximo 1. Por isso, se decidiu utilizar somente ela para complementar as análises dos valores do Qui-Quadrado (FIELD, 2009). No tópico a seguir são apresentados os resultados da pesquisa.

cando usos possíveis no campo da investigação social;

Aplicação em pesquisa: Artigos que faziam um trabalho analítico utilizando-se de determinada teoria para compreender ou explicar determinado objeto de estudo.

A classificação dos artigos a partir destas categorias foi realizada com o interesse em, ao estabelecer o tipo de relação com a teoria social que cada artigo matinha, poder investigar possíveis correlações entre o tipo de intervenção intelectual realizada e a posição geopolítica do autor. Conforme mencionado na introdução deste artigo, trabalhou-se com a hipótese de que os artigos de intelectuais do Sul possuiriam um caráter menos inovador no campo da teoria social, tendendo a se concentrar na aplicação analítica de teorias ou na realização de comentários sobre a obra de autores. Trabalhou-se com a ideia de que a maior concentração das publicações de intelectuais do Norte Global em categorias como inovação e adição, comparativamente aos pesquisadores do Sul, serviria como indício de como, no debate sobre teoria feito pelas revistas brasileiras, a dimensão criativa e proposicional da teoria estaria associada à produção de intelectuais de nações do centro. Acredita-se que

esse é um importante elemento a ser considerado para se pensar a hegemonia euro-americana no campo da teoria social e conseqüentemente a reprodução do eurocentrismo no interior da sociologia.

Visando a apresentação e análise dos dados foram utilizadas primeiramente técnicas de estatística descritiva (BARBETTA, 2008), baseadas no levantamento da frequência das variáveis de país/região do autor. Além disso a utilização da frequência absoluta e percentual foi utilizada a partir do cruzamento das categorias de intervenção intelectual e o país/região do autor. Para além do levantamento de frequências com o cruzamento entre variáveis, também interessou-se por mensurar estatisticamente a possível correlação entre variáveis relacionadas ao país/região do autor com as 5 categorias de intervenção intelectual mencionadas. Tendo em vista o interesse em descobrir correlações entre as variáveis de análise, posto que todos os dados eram categóricos, foi necessário aplicar um teste de correlação específico para esse tipo de dado e também compreender um modelo que verificasse os relacionamentos entre essas variáveis. Isto posto, a partir do Software SPSS, foram utilizados testes orientados para variáveis categóricas, mais especificamente o Qui-Quadrado e V de Cramer⁵.

A Geopolítica do Conhecimento e a Discussão sobre Teoria em Revistas Brasileiras de Ciências Sociais

Estudar a produção intelectual brasileira no campo da teoria social, observando-a a partir de sua intercessão com a geopolítica do conhecimento, é uma tarefa que pode ser tratada sob ângulos diversos, podendo-se investir, hipoteticamente, desde a análise focada no estudo das correntes teóricas com maior influência no debate nacional até mesmo o processo de socialização acadêmica que constrói o modo como intelectuais locais se relacionarem com a produção estrangeira ou os próprios cânones da disciplina. Neste tópico, debruça-se, primeiramente, na tarefa de retratar o perfil nacional das publicações estrangeiras inseridas nos periódicos brasileiros, para então qualificar as características destas intervenções intelectuais analisando-as a partir da literatura que estuda a geopolítica do conhecimento.

De início, interessou-se por observar, entre o intervalo de 2010 e 2018, no conjunto dos principais periódicos das ciências sociais brasileiras, as assimetrias globais no que diz respeito a quantidade de artigos publicados. Mais especificamente, trabalhou-se com a seguinte indagação: Quais países tiveram

maior inserção no debate sobre teoria realizado nestas revistas?

Essa pergunta foi orientada com o interesse em se levantar quais tradições intelectuais internacionais que, possivelmente, estariam em maior diálogo com o campo brasileiro em se tratando de teoria social.

Ao se observar a Tabela 2 abaixo, é possível ter uma visão da forma como as revistas brasileiras incorporaram produções internacionais no seu debate sobre teoria. Primeiramente, nota-se que as publicações de brasileiros dominam a maior parte do conteúdo, concentrando 81,04% do total de artigos, constatação de caráter quase óbvio tendo em vista que são periódicos nacionais e onde, majoritariamente, as publicações ocorrem em língua portuguesa. Consequentemente, é possível notar que, por conta desta hegemonia brasileira, a América Latina aparece em primeiro lugar como maior região de vínculo dos autores, com 84,17% do montante total, seguida da Europa com 10,42%, a América do Norte com 4,38%, Ásia 0,83% e África com 0,21%.

TABELA 2 – Frequência Total por Região/País

Região/País	Frequência	Porcentagem
AMÉRICA LATINA	404	84,17%
BRASIL	389	81,04%
ARGENTINA	7	1,46%
MEXICO	6	1,25%
COLOMBIA	2	0,42%
EUROPA	50	10,42%
FRANÇA	13	2,71%
PORTUGAL	12	2,50%
ALEMANHA	12	2,50%
REINO UNIDO	5	1,04%
ESPAÑA	2	0,42%
HOLANDA	2	0,42%
ITÁLIA	2	0,42%
SUIÇA	1	0,21%
POLÓNIA	1	0,21%
AMÉRICA DO NORTE	21	4,38%
EUA	20	4,17%
CANADA	1	0,21%
ÁSIA	4	0,83%
TURQUIA	1	0,21%
SINGAPURA	1	0,21%
JAPÃO	1	0,21%
MACAU	1	0,21%
ÁFRICA	1	0,21%
ÁFRICA DO SUL	1	0,21%
Total Geral	480	100,00%

Contudo, faz-se necessário considerar que a presença latinoamericana desponta em tais dados única e exclusivamente pela presença dos autores brasileiros, que inflacionam os dados da região, tendo em vista que os países latinoamericanos, excluindo-se o Brasil, se agrupados, alcançariam a tímida cifra de 3,13%, com 15 artigos publicados nos últimos oito anos. Isto significa que ficariam atrás da Europa e

América do Norte em número de publicações. Desta forma, os Estados Unidos, sozinhos, possuiriam um número de artigos maior do que todo o resto da região latino-americana – mais especificamente 21 em comparação a 15. Além disso, é possível perceber que os países centrais do Norte Global, compreendidos enquanto França, Alemanha, Reino Unido e Estados Unidos, se agrupados, deteriam sozinhos 10,42% do montante total, o que os enquadra enquanto o grupo de nações que possui a maior penetração no debate sobre teoria realizado nas revistas brasileiras observadas.

A partir disso nota-se que, a despeito da proximidade territorial com a região latinoamericana, e da própria similitude linguística entre o português e o espanhol, que a interlocução no debate sobre teoria realizado nos periódicos brasileiros ocorre em maior grau com a produção de intelectuais do Norte Global do que de com os vizinhos latino-americanos. Esse direcionamento do debate nacional a um diálogo com o eixo Euro-Atlântico, fica ainda mais patente se observado em comparação à parca presença de publicações advindas da Ásia, e de forma ainda mais explícita se tomado o continente Africano, que contou com apenas um artigo em nove anos. Contudo, cabe mencionar que a afinidade linguística não se



mostrou irrelevante, já que, no continente europeu, Portugal foi o país com a segunda maior penetração nos periódicos nacionais, empatado com a Alemanha, ambos com 12 artigos.

Esses dados, ainda que não permitam grandes conclusões analíticas, nos apresentam indícios do possível grau de extroversão intelectual do debate das ciências sociais brasileiras na área de teoria. Pensando a partir da contribuição de Hountondji (1997), que toma a extroversão intelectual como a tendência a pensar o local a partir de questões, teorias e conceitos advindas de contextos estrangeiros, pode-se inferir, pelos dados citados, que a tendência a dialogar mais com a produção europeia e norte-americana, em contraposição aos vizinhos regionais, pode ser entendida enquanto um índice de que, no Brasil, pensa-se mais a partir de questões e debates caros a contextos euro-americanos do que locais ou regionais.

Mais do que isso, compreende-se que a hegemonia global das nações do Norte, no que se refere a quantidade de artigos ou livros produzidos (HEILBRON, 2014), ou mesmo o status privilegiado que ocupam no campo da teoria social (CONNEL, 2007), (ALATAS, 2010), também se expressa em nível local, no contexto brasileiro, por uma incorporação

mais robusta de reflexões advindas dessas regiões do que aquelas posicionadas na periferia global. Estas características ajudam a entender como, mesmo em revistas nacionais, publicadas em português, encontra-se uma importante inserção de produtos intelectuais do norte global, os quais ajudam a reforçar as estruturas da divisão internacional do trabalho intelectual, garantindo às nações do Norte uma posição de poder fundamental à disseminação de teoria em regiões da periferia global.

Analisando-se a Tabela 3, que cruza a frequência percentual das categorias de artigos com as regiões de seus autores, observa-se que a desigualdade quantitativa encontrada na baixa penetração do Sul Global, com comparação com nações do Norte, também é reforçada por assimetrias de caráter qualitativo, referentes ao tipo de intervenção intelectual realizada a partir da publicação nos periódicos. É possível notar que a as nações do Norte Global, tomando-as em conjunto por Europa e América do Norte, são as que possuem, proporcionalmente em relação à o total de suas respectivas produções, o maior número de artigos de caráter inovador. Isso se

expressa no fato de que 19,05% de toda a produção da América do Norte, e 11,32% no contexto Europeu, se deram a partir de artigos que propunham inovações no campo da teoria social, via apresentação de conceitos, novas teorias ou concepções metodológicas. A desigualdade global entre regiões é clara, ao se observar que a América Latina veio a ocupar apenas a terceira posição, com um valor abaixo da metade norteamericana, tendo um total de 9,09% de seus artigos com caráter inovador, cenário que é seguido pela completa ausência de contribuições com tal caráter no contexto africano e asiático.

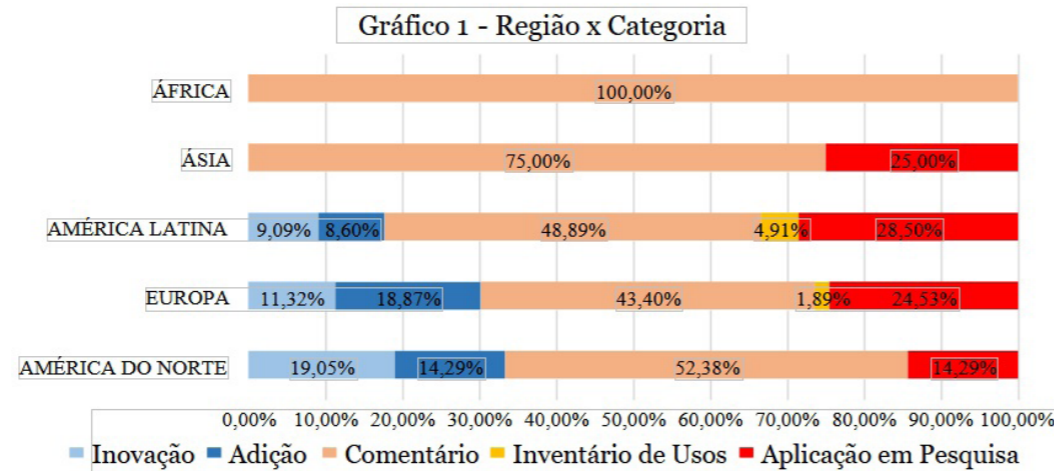
TABELA 3 – Região x Categoria

Região	Inovação	Adição	Comentário	Inventário de Usos	Aplicação em Pesquisa	Total Regional
AMÉRICA DO NORTE	19,05%	14,29%	52,38%	0,00%	14,29%	100,00%
EUROPA	11,32%	18,87%	43,40%	1,89%	24,53%	100,00%
AMÉRICA LATINA	9,09%	8,60%	48,89%	4,91%	28,50%	100,00%
ASIA	0,00%	0,00%	75,00%	0,00%	25,00%	100,00%
AFRICA	0,00%	0,00%	100,00%	0,00%	0,00%	100,00%
Total Geral	9,67%	9,88%	48,77%	4,32%	27,37%	100,00%

Esse quadro também se mantém se observados números relativos à categoria de adição. Neste caso, a Europa manteve a primeira colocação, com 18,87% de seus artigos, seguida da América do Norte com 14,29% e América Latina com 8,60%. Assim como no quesito inovação, Ásia e África não chega-

ram a pontuar. Consequentemente, fica patente que as duas categorias que poderiam indicar intervenções de caráter mais direto na inovação ou revisão de pressupostos teóricos das ciências sociais, são aquelas em que as nações do Sul Global menos pontuam, enquanto as nações do Norte possuem uma considerável parte de suas intervenções com este caráter, apesar de não serem a maior parte de suas publicações, que fica ao cabo dos trabalhos de comentários.

Para além disso, estes dados nos permitem compreender que no que diz respeito aos artigos que tratam da aplicação de teoria em pesquisa, existe uma relação inversa entre as nações do Norte e Sul Global. Foi possível perceber que as publicações com o caráter de aplicação de teoria em pesquisa ocupam uma parcela maior dos artigos da América Latina, 28,50%, se comparada com o caso Europeu, 24,53% e Norte Americano, 14,29%. Isso permitiria inferir que quanto mais ao Norte, mais chance um artigo teria de ser inovador, e menos chances possuiria em ter a aplicação teórica em estudos específicos quanto fundamento, relação que se inverteria no caso latinoamericano. Isso pode ser claramente notado no gráfico, apresentado abaixo.



Isto posto, a partir destes dados é possível supor que as desigualdades na produção e circulação do conhecimento que caracterizam as ciências sociais contemporâneas, e que têm sido discutidas pelos autores que estudam a geopolítica do conhecimento, também se expressam no caso do debate realizado nos periódicos brasileiros no campo da teoria social. Observa-se que a produção de intelectuais do Norte Global, ao se fazer presente nesses ambientes, reforça uma espécie de divisão do trabalho intelectual interna ao próprio campo da teoria, ao passo que tende a ter caráter mais inovador do que as intervenções locais, brasileiras ou latinoamericanas. Destarte, estes indicadores nos ajudariam a expressar que o debate brasileiro reproduz uma estrutura global de divisão do trabalho intelectual que situa nos países do Norte os lócus de enunciação com maior poder de

influência aos princípios teórico-abstratos que direcionam o trabalho das ciências sociais. No que concerne à aplicação de teoria em pesquisa e inovação, a presença de uma relação inversa entre Norte x Sul, enuncia como a produção intelectual do Norte parece ser acionada em periódicos nacionais com maior interesse propositivo, no sentido de operar enquanto uma possível norteadora do que há de mais relevante e novo no campo, relegando pouco espaço para intervenções intelectuais do Norte que possuíssem caráter de reprodução de teorias.

Com o interesse em apurar os indícios de uma possível correlação entre a produção intelectual do Norte Global e intervenções de caráter inovador, decidiu-se por realizar alguns testes de correlação estatística, a partir dos índices de Qui-Quadrado e V de Cramer.

Primeiramente, buscando-se analisar de haveria correlação entre o Norte Global e a inovação nos artigos publicados, realizou-se um cruzamento entre as categorias Adição e Inovação, agrupadas¹, juntamente com a América do Norte e Europa, tomadas enquanto um único grupo. Conforme pode ser visto na Tabela 4, por resultado chegou-se no valor de 7,808 por meio do teste de Qui-Quadrado, o qual indica correlação entre as variáveis, em vista de possuir



valor superior a 6,6349 – cifra mínima para apontar a correlação dado o grau de liberdade de 1. Além disso, a correlação também foi encontrada segundo o teste de V de Cramer, para o qual seria necessário alcançar valor maior que 0,1, tendo-se atingido a cifra de 0,126, o que indica uma correlação, ainda que fraca, entre publicações de autores do Norte e inovação no campo da teoria.

Buscando apurar essa correlação decidiu-se por fazer um novo teste, desta vez compreendendo o Norte Global não mais como a soma entre América do Norte e Europa, mas enquanto o agrupamento de Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido. Este teste foi orientado pelo interesse em apurar melhor a categoria Norte Global, compreendendo as desigualdades internas às regiões do eixo Euro-Atlântico, partindo do princípio que existem claras assimetrias entre os países que o integram, tendo em vista que ao agrupar-se as duas regiões acaba-se por equivaler intervenções que vem de países em posições totalmente desiguais no sentido do status global de sua sociologia – Portugal e Inglaterra ou Suíça e Alemanha são exemplos dessas diferenças. A partir do novo teste foi possível encontrar novamente a correlação entre as variáveis analisadas, porém com grau de correlação ainda mais forte. Neste segundo

caso o teste de Qui-Quadrado, mais do que dobrou, alcançando o valor de 15,371 e o V de Cramer chegou a 0,177, ambos indicando uma correlação mais robusta entre as duas variáveis.

Além disso, com o interesse em apurar as assimetrias internas ao Norte Global, decidiu-se por fazer o mesmo teste agrupando-se os outros países europeus e da América do Norte que não estariam compreendidos no grupo “Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido”, de forma a se observar se tais países, isoladamente, possuiriam características parecidas com o grupo das quatro tradições nacionais hegemônicas na sociologia. Neste teste não foi possível encontrar qualquer grau de correlação entre a produção daquelas nações e a categoria inovação, tendo-se atingido um Qui-Quadrado de 0,47 e um V de Cramer de 0,031, cifras que desautorizam qualquer indício de relação entre as variáveis. O mesmo teste foi realizado agrupando-se os países da América Latina, o qual também não indicou qualquer correlação estatística entre a região e atividade intelectual de caráter inovador, atingindo um Qui-Quadrado de 4,006 e um V de Cramer de 0,09. Os testes de correlação podem ser observados na TABELA 4 abaixo.

Tabela 4 – Testes de Correlação		
País Norte* x Adição + Inovação		Existência de Correlação
Gl	1	
Qui-Quadrado	15,371**	Existe correlação
V de Cramer	0,177	Existe correlação
País Sul*** x Adição + Inovação		
Gl	1	
Qui-Quadrado	4,006	Não existe correlação
V de Cramer	0,09	Não existe correlação
América do Norte + Europa x Adição + Inovação		
Gl	1	
Qui-Quadrado	7,808	Existe correlação
V de Cramer	0,126	Existe correlação
Resto da Europa e América do Norte x Adição + Inovação		
Gl	1	
Qui-Quadrado	0,47	Não existe correlação
V de Cramer	0,031	Não existe correlação
* País Norte significa a soma de Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido e França		
** Para o Qui-Quadrado, um grau de correlação confiável, para um erro de 0,05 e 0,01, dado $gl=1$, deve ser maior que 3,8415 e 6,6349 respectivamente. Consequentemente, valores acima dessas cifras indicam correlação entre as variáveis.		
*** País Sul significa a soma entre América Latina, África e Ásia		

Destarte, é possível notar, a partir dos testes estatísticos adotados, que existe uma clara correlação entre a produção de intelectuais do Norte Global e trabalhos de caráter inovador no debate sobre teoria realizado nas revistas de ciências sociais brasileiras. Isso permite inferir, como já mencionado anteriormente, mas agora com mais segurança, que existe uma clara tendência às produções mais inovadoras no campo da teoria estarem concentradas no eixo euroamericano. Todavia, mais do que isso, foi possível perceber que existem claras diferenças internas entre países da América do Norte e Europa, de forma

que quando se separam os Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido e França dos outros que compõem a euro-américa, nota-se que o grupo restante de nações não possui as mesmas características no que diz respeito à inovação, não apresentando correlação nos testes realizados. Percebe-se, conseqüentemente, que o grupo dos quatro países mencionados, que representam as tradições nacionais hegemônicas no campo da sociologia, destaca-se de outros que fazem parte do continente europeu ou norteamericano, impondo a necessidade que se entenda os centros e periferias internos ao próprio Norte Global.

Além disso, os testes apontaram que a região do Sul Global não possuiria correlação com intervenções intelectuais de caráter inovador, o que não significa que proposições deste tipo não tivessem sido realizadas no intervalo estudado, mas apenas que o comportamento de uma variável não parece oscilar em concomitância com a outra. Esses resultados permitem reforçar as reflexões de autores que tratam o tema da geopolítica do conhecimento, como Alatas (2000), Connel (2007), Houtoundi (1997), que ao discorrerem sobre a divisão internacional do trabalho intelectual apontam como a produção de teoria estaria associada às instituições e intelectuais de nações do centro.



Todavia, apesar de ter se encontrado correlações entre intervenções mais propositivas em países como Estados Unidos, Alemanha, Reino-Unido e França, não se pode ignorar que foram encontradas consideráveis contribuições de autores brasileiros que inovavam no campo da teoria social, apresentando novos conceitos, teorias e metodologias. Dos 389 artigos de brasileiros, 34 enquadraram-se na categoria inovação e 31 em adição. Apesar desses números serem menores do que aqueles referentes a comentários, 194, e aplicação em pesquisa 110, é importante mencionar que estas reflexões têm buscado intervir diretamente na teoria social. Consequentemente, impõe-se a necessidade de reforçar que existem pesquisadores brasileiros produzindo teoria social com caráter inovador, o que reforça a necessidade de que faça parte da agenda nacional a valorização dessas proposições e, além disso, que se estude os processos que dificultam a circulação e difusão dessas ideias no campo internacional. Análises neste sentido foram produzidas por Rosa e Ribeiro (2020).

Conclusão

A teoria social pode ser considerada a área de maior prestígio no campo sociológico, pela sua capacidade de direcionar, estrategicamente, o fazer do campo, para determinadas agendas, guiando-o a partir de certas questões, conceitos e formas de dar sentido ao mundo por ela criadas. A divisão internacional do trabalho intelectual põe a produção de teoria no centro do debate sobre a geopolítica do conhecimento, apontando como o domínio de sua produção por determinadas regiões do Norte, opera enquanto parte de um sistema que possui caráter global e encontra nas nações da periferia os espaços para a coleta de dados, teste de hipóteses e realização de estudos de caso. O Brasil, por consequência, tem ocupado historicamente uma condição marginal no que diz respeito a capacidade de dialogar em condição de igualdade com a intelectualidade do Norte, quando se trata da área de teoria social. Conforme foi recuperado pelo trabalho de Lynch (2013), na história nacional sempre houveram sérias dificuldades para que se compreendesse os produtos intelectuais aqui produzidos enquanto de valor equânime àqueles advindos das metrópoles europeias, relegando ao país o condicionamento de sua produção ao rótulo



de “pensamento social” em detrimento da noção de “teoria”.

Frente a esta posição marginal, ocupada pelo Brasil, no interior do debate internacional em teoria social, decidiu-se por realizar uma investigação sobre como a discussão na área de teoria, em revistas brasileiras de ciências sociais, é conformado pelas relações de poder geopolíticas que estruturam o campo das ciências sociais. Neste sentido, buscou-se analisar em que medida a discussão realizada nestes periódicos carrega marcas das assimetrias globais no campo do conhecimento e ajuda a reproduzir o status periférico das contribuições nacionais no âmbito da teoria social.

A partir do levantamento quantitativo do perfil nacional/regional dos intelectuais que publicaram em 23 dos principais periódicos brasileiros de 2010 a 2018, realizou-se um dimensionamento das regiões e países estrangeiros com maior presença no debate sobre teoria das revistas de ciências sociais brasileiras. Primeiramente, foi possível perceber que a despeito da proximidade territorial com a região latinoamericana, e da própria similitude linguística entre o português e o espanhol, que a interlocução no debate sobre teoria realizado nos periódicos brasileiros ocorre em maior grau com a produção de in-

telectuais do Norte Global do que de com os vizinhos latinoamericanos. Argumentou-se que esses dados permitem supor que as ciências sociais brasileiras possuiriam um caráter extrovertido, no sentido de se orientarem por teorias, conceitos e questões, mais afinadas com experiências sociais do Norte Global, do que aquelas vivenciadas pelos vizinhos latinos.

Em um segundo momento, utilizando-se de uma análise de títulos, resumos e palavras-chave dos artigos, que fundamentou a classificação do tipo de intervenção intelectual realizada nas revistas, interessou-se por compreender se haveriam diferenças entre Norte e Sul Global no que diz respeito à inovação no campo da teoria social. Foi possível notar, tanto pela análise de frequências, quanto a partir de testes de correlação estatística, que os artigos publicados por pesquisadores do Norte, tinham mais chances de possuírem um caráter inovador e propositivo no campo da teoria social. Mas, mais do que isso, notou-se a necessidade de compreender que o Norte Global não pode ser compreendido enquanto um bloco monolítico e uniforme, tendo em vista que a tendência a inovação se fazia presente em países como Estados Unidos, Alemanha, França e Reino Unido, o que não era acompanhado por outras nações no interior da Euro-América.



Isto posto, foi possível concluir que a tendência a uma visão mais propositiva no campo da teoria enquanto associada à certos países do Norte Global, expressa que o debate brasileiro reproduz a estrutura global de divisão do trabalho intelectual que situa nos países do Norte os lócus de enunciação com maior poder de influência nos princípios teórico-abstratos que direcionam o trabalho das ciências sociais. Contudo, por fim foi ressaltada a existência de um número considerável de intervenções de intelectuais brasileiros com caráter inovador no campo da teoria, o que impõe à sociologia nacional a necessidade de valorização dessas proposições e compreensão das estruturas que dificultam a circulação global de tais intervenções.



Referências

ALATAS, Hussein. Intellectual imperialism: definition, traits, and problems. **Asian Journal of Social Science**, v. 28, n. 1, p. 23-45, 2000.

ALATAS, Syed Farid. Academic dependency in the social sciences: Reflections on India and Malaysia. **American Studies International**, v. 38, n. 2, p. 80-96, 2000.

ALATAS, Syed Farid. Academic dependency and the global division of labour in the social sciences. **Current Sociology**, v. 51, n. 6, p. 599-613, 2003.

ALATAS, Syed Farid; SINHA, Vineeta. **Sociological Theory Beyond the Canon**. Springer, 2017.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 11, p. 89, 2013.

BEIGEL, Fernanda. Introduction: Current tensions and trends in the World Scientific System. **Current Sociology**. 2014.

BURAWOY, Michael; Chang, Mau-kuei & hsieh, Michelle Fei-yu (eds.). **Facing an unequal world: challenges for a global sociology**. 3 vols. Taipei, Academia Sinica. (2010). .

COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. Theory from the South: Or, how Euro-America is evolving toward Africa. In: **Anthropological Forum**. Routledge, 2012. p. 113-131.



MATHEUS ALMEIDA PEREIRA RIBEIRO

CONNELL, Raewyn. **Southern theory: The global dynamics of knowledge in social science**. Allen & Unwin, 2007.

CONNELL, Raewyn. Learning from each other: Sociology on a world scale. **The ISA handbook of diverse sociological traditions**, p. 52-66, 2010.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 09-20, 2012.

COSTA, Sergio. Teoria por adição. **Horizontes das Ciências Sociais: Sociologia**. São Paulo: ANPOCS, p. 25-51, 2010.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo em Lander. Edgardo (org.) **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latinoamericanas**, p. 55-70, 2000.

FIELD, Andy. **Descobrimo a estatística usando o SPSS-2**. Bookman Editora, 2009. GINGRAS, Yves; MOSBAH-NATANSON, Sébastien. Where are social sciences produced?. *Europe*, v. 47, n. 43.8, p. 46.1, 2010.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: trans-modernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.



MATHEUS ALMEIDA PEREIRA RIBEIRO

HANAFI, Sari; ARVANITIS, Rigas. The marginalization of the Arab language in social science: Structural **constraints** and dependency by choice. **Current Sociology**, v. 62, n. 5, p. 723-742, 2014 HEILBRON, Johan. The social sciences as an emerging global field. *Current Sociology*, v. 62, n. 5, p. 685-703, 2014.

HEILBRON, Johan; SORÁ, Gustavo; BONCOURT, Thibaud (Ed.). **The Social and Human Sciences in Global Power Relations**. Palgrave Macmillan, 2018.

HOUNTONDI, Paulin J. Producing Knowledge in Africa Today the Second Bashorun MKOAbiola Distinguished Lecture. **African Studies Review** , v. 38, n. 03, p. 1-10, 1995.

HOUNTONDI, Paulin J. (Ed.). **Endogenous knowledge**: Research trails. African Books Collective, 1997.

KEIM, Wiebke. Social sciences internationally: The problem of marginalisation and its consequences for the discipline of sociology. **African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie**, v. 12, n. 2, 2008.

KEIM, Wiebke. Counterhegemonic currents and internationalization of sociology: Theoretical reflections and an empirical example. **International Sociology**, v. 26, n. 1, p. 123-145, 2011.

LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais, 2005.

LYNCH, Cyril; EDWARD, Christian. Por Que Pensamento e Não Teoria? A Imaginação Político-Social Brasileira e o Fantasma da Condição Periférica (1880-1970). **Dados-Revista de Ciências Sociais**, v. 56, n. 4, 2013.



MATHEUS ALMEIDA PEREIRA RIBEIRO

MAIA, João Marcelo Ehlert. Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa. 2009.

MAIA, João Marcelo E. O pensamento social brasileiro e a imaginação pós-colonial. **Revista Estudos Políticos**, n. 02, 2010.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 71-114, 2008.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais-projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Ed. UFMG, 2003.

PATEL, Sujata (Ed.). The ISA handbook of diverse sociological traditions. Sage, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality of power and Eurocentrism in Latin America. *International Sociology*, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000.

RIBEIRO, Matheus A. P. As expressões da divisão internacional do trabalho intelectual em revistas internacionais de teoria social. **Dissertação de Mestrado**. UnB. Brasília. 2018.

ROSA, Marcelo C. A África, o Sul e as ciências sociais brasileiras: descolonização e abertura. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. 2, p. 313-321, 2015.

ROSA, Marcelo C; Ribeiro, Matheus A. P. Como se faz teoria social no Brasil? Hagiografia, extroversão intelectual e avanços (2010–2019). **BIB**. n.94. 2020.



MATHEUS ALMEIDA PEREIRA RIBEIRO

SAID, Edward. *Orientalism*. 1978. **New York: Vintage**, v. 199, 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos-CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007.

SAPIRO, Gisèle. Globalization and cultural diversity in the book market: The case of literary translations in the US and in France. **Poetics**, v. 38, n. 4, p. 419-439, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG, 2010.

DE FARIA TAVOLARO, Sergio Barreira. Imagens de uma outra modernidade: Gilberto Freyre e o espaço-tempo latino-americano. **Política & Sociedade**, v. 15, n. 34, p. 196-231, 2016.

UNESCO. **World Social Science Report** 2010. Paris: UNESCO Publishing. 2010.

Recebido:

20 de janeiro de 2023

Aprovado:

05 de março de 2023

